

criados servis, esses caseiros, *oiketai* ou *familiares*, cujo trabalho era exigido pela mera subsistência e que eram necessários para o consumo isento de esforço, e não para a produção. O que eles deixaram atrás de si em troca do que consumiam foi nada mais nada menos que a liberdade, ou, na linguagem moderna, a produtividade potencial de seus senhores.

Em outras palavras, a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo contém, embora evitada de preconceito, a distinção mais fundamental entre trabalho e labor.¹⁶ Realmente, é típico de todo labor nada deixar atrás de si: o resultado do seu esforço é consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido. E, no entanto, esse esforço, a despeito de sua futilidade, decorre de enorme premência; motiva-o um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele. A era moderna em geral e Karl Marx em particular, fascinados, por assim dizer, pela produtividade real e sem precedentes da humanidade ocidental, tendiam quase irresistivelmente a encarar todo o labor como trabalho e a falar do *animal laborans* em termos muito mais adequados ao *homo faber*, como a esperar que restasse apenas um passo para eliminar totalmente o labor e a necessidade.¹⁷

Sem dúvida, a evolução histórica que tirou o labor de seu es-

16. A distinção entre trabalho produtivo e improdutivo se deve aos fisiocratas, que diferenciavam entre classes produtoras, proprietárias e estéreis. Como afirmavam que a fonte original de toda produtividade residia nas forças naturais da terra, o critério de produtividade que adotavam tinha a ver com a criação de novos objetos, e não com as necessidades e desejos dos homens. Assim, o Marquês de Mirabeau, pai do famoso orador, chama de estéril «la classe d'ouvriers dont les travaux, quoique nécessaires aux besoins des hommes et utiles à la société, ne sont pas néanmoins productifs», e exemplifica sua distinção entre trabalho estéril e produtivo comparando-a à diferença entre cortar uma pedra e produzi-la (veja-se Jean Dautry, «La notion de travail chez Saint-Simon et Fourier», *Journal de psychologie normale et pathologique*, Vol. LII, Nº 1 (Janeiro-Março de 1955)).

17. Esta esperança acompanhou Marx do princípio ao fim. Já a encontramos na *Deutsche Ideologie*: «Es handelt sich nicht darum die Arbeit zu befreien, sondern sie aufzuheben» (Gesamtausgabe, Parte I, Vol. 3, p. 185) e, muitas décadas depois, no terceiro volume de *O Capital*, cap. 48: «Das Reich der Freiheit beginnt in der Tat erst da, wo das Arbeiten ... aufhört» (*Marx-Engels Gesamtausgabe*, Parte II (Zurique, 1933), p. 873).

conderijo e o guindou à esfera pública, onde pôde ser organizado e «dividido»,¹⁸ constituiu poderoso argumento no desenvolvimento dessas teorias. Contudo, um fato ainda mais importante neste particular, já pressentido pelos economistas clássicos e claramente descoberto e expresso por Karl Marx, é que a própria atividade do trabalho (labor), independentemente de circunstâncias históricas e de sua localização na esfera privada ou na esfera pública, possui realmente uma «produtividade» própria, por mais fúteis ou pouco duráveis que sejam os seus produtos. Essa produtividade não reside em qualquer um dos produtos do labor, mas na «força» humana, cuja intensidade não se esgota depois que ela produz os meios de sua subsistência e sobrevivência, mas é capaz de produzir um «excedente», isto é, mais que o necessário à sua «reprodução». Uma vez que não é o próprio trabalho, mas o excedente da «força de trabalho» humana (*Arbeitskraft*), que explica a produtividade do trabalho, a introdução deste termo por Marx, como Engels observou corretamente, constitui o elemento mais original e mais revolucionário de todo o seu sistema.¹⁹ Ao contrário da produtividade do trabalho, que acrescenta novos objetos ao artifício humano, a produtividade do labor só ocasionalmente produz objetos; sua preocupação fundamental são os meios da própria reprodução; e, como a sua força não se extingue quando a própria reprodução já está assegurada, pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca «produz» outra coisa senão «vida».²⁰ Mediante violenta opressão numa sociedade de escravos, ou mediante a exploração na sociedade capitalista da época de Marx, pode ser canalizada de tal forma que o labor de alguns é bastante para a vida de todos.

Deste ponto de vista puramente social, que é o ponto de vista

18. Em sua introdução ao segundo livro de *A Riqueza das Nações*, Adam Smith destaca que a produtividade se deve à divisão do trabalho, e não ao próprio trabalho.

19. Veja-se a Introdução de Engels no «Wage, Labour and Capital», de Marx (em Marx e Engels, *Selected Works* (Londres, 1950), I, 384), no qual Marx introduzira o novo termo com certa ênfase.

20. Marx sempre ressaltou, especialmente em sua juventude, que a principal função do trabalho era a «produção da vida» e, portanto, via o trabalho em pé de igualdade com a procriação (veja-se *Deutsche Ideologie*, p. 19, e «Wage, Labour and Capital», p. 77).